

MÁRCIO PEREIRA MORATO

**A RIVALIDADE ENTRE
PONTEPRETANOS E
BUGRINOS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**Campinas
2003**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A RIVALIDADE ENTRE PONTEPRETANOS E BUGRINOS

Monografia apresentada para a conclusão do curso de Educação Física, modalidade bacharel em treinamento em esportes.

Orientador: Prof. Dr. Jocimar Daolio.

**Campinas
2003**

AGRADECIMENTOS

Agradecer foi algo que aprendi em casa. Minha mãe sempre dizia que um sorriso e um agradecimento são armas poderosas e acessíveis a todos. Só não fazem uso delas aqueles que se sentem únicos. Eu nunca me senti único. Sempre soube da importância dos outros em minha vida. Aprendi isto primeiramente na minha família. Meus pais, meus irmãos, primos, primas, avôs, avós, tios, tias e uma infinidade de parentes me ajudaram a compreender isto. Conceito aprimorado pelos caminhos da vida. Tropeços, desencontros, reflexões e nada de unidade. Mesmo em momentos de solidão nunca me senti uma célula unitária. Pela vida aprendi a me relacionar com os outros. Mas o aprendizado é constante e os outros são sempre diferentes. Aprendi e ainda aprendo a cada dia com as relações que se constroem. Somos seres culturais. Precisamos dos outros. Precisamos nos relacionar e o agradecimento é uma ferramenta para uma boa relação. Aprendi com meus pais. Ensinei para outras pessoas. Re-aprendi com elas. E agradei com um largo sorriso. Talvez tenha falhado ou, até mesmo, esquecido de agradecer algumas vezes, mas esta é a oportunidade que eu tenho para sorrir novamente!.....e agradecer .

Obrigado a todos, não só aos que contribuíram na elaboração deste texto, mas também a todos que ajudaram a construir a história de minha vida nas mais variadas instâncias, épocas e fases, pois este trabalho é somente mais uma etapa de minha vida. Hoje, sou um grande sorriso! Graças Aqueles que pude agradecer!

Véi

RESUMO

Considerando o futebol brasileiro como fenômeno cultural, este trabalho objetivou analisar as manifestações de rivalidade entre torcidas de futebol. Para isso utilizamos a análise etnográfica no acompanhamento de torcedores de clubes de Campinas, SP (Ponte Preta e Guarani), em doze jogos, durante o Campeonato Brasileiro 2001 e a Liga Rio-SP 2002. Foram seis jogos de cada equipe, incluindo dois “Derbys”, como é popularmente chamado o confronto entre as duas equipes analisadas. Também foram realizadas oito entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas e transcritas posteriormente para análise, com torcedores dessas equipes (quatro de cada time). Os torcedores, assim como o patrimônio e os jogadores, são peças fundamentais no desenvolvimento do time, incentivando-o e desestabilizando o rival. A relação entre torcedores rivais mostrou-se sempre demarcada pela constante tentativa de negação ou desqualificação do outro e auto-afirmação do seu time e sua torcida. Assim, os torcedores utilizam diversas manifestações rivalizantes determinadas por suas relações: expõem camisas e bandeiras, criam apelidos para os rivais, cantam músicas e hinos e, inclusive, tomam parte da violência, simbólica ou real. Sendo a rivalidade calcada na diferença, a violência apresenta-se como intolerância a esta diferença.

Futebol – Torcida – Cultura.

SUMÁRIO

1) Apresentação	01
2) Memorial	02
3) Pontapé Inicial	10
4) O Torcedor e seu Time	11
4.1) O Patrimônio	14
4.1.1) Clube ou sede	15
4.1.2) A história, o hino e o mascote	15
4.1.3) A camisa, a bandeira, as cores e o distintivo	18
4.1.4) O estádio	20
4.1.5) Os títulos	23
4.2) Os Jogadores	25
4.3) A Torcida	28
5) O Torcedor e seus Rivais	32
6) As Manifestações Rivalizantes	37
7) Trocando Passes	41
8) Referências Bibliográficas	43

1) APRESENTAÇÃO

Sou quase um professor. Falta pouco e esta Monografia é a prova disto. Quase todos os cursos têm este ritual. Para pegarmos nosso diploma precisamos “monografar”, fazer um texto científico para a conclusão de nosso curso. Nada mais justo e sensato quando pensamos que o Ensino Superior se baseia em três grandes eixos: ensino, pesquisa e extensão. Talvez o único problema seja que, para muitos, a Monografia passa a ser um carma e não um objeto de prazer, devido a grande importância empregada a ela e também à dificuldade de sua elaboração.

No meu caso foi diferente. Esta Monografia já vinha sendo pensada desde o meu terceiro ano. Queria fazer uma Iniciação Científica e procurei o professor Jocimar para tal. Minhas idéias e a sua orientação resultaram num projeto de pesquisa aceito e financiado pelo Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) da Unicamp no período de 01 de agosto de 2001 a 31 de julho de 2002.

Esta Monografia é o resultado de aprimoramento e reflexão daquela Iniciação Científica. Foi muito prazeroso para mim elaborá-la. Aliás, quase todo o curso foi muito prazeroso, salvo raríssimas exceções. Hoje, estou feliz pela minha escolha. Realmente escolhi a coisa certa para mim. Mas, nem sempre, eu tive esta certeza. É exatamente sobre isto que eu gostaria de falar um pouco antes de entrar no tema da pesquisa. Nas próximas páginas há um memorial no qual eu reflito um pouco sobre minha formação, minhas experiências, minhas escolhas e, conseqüentemente, minha vida. Como nada nesta vida acontece por acaso, pelo menos é nisto que eu acredito, é muito interessante saber como tudo se delineou.

Espero que vocês, na leitura desta monografia, sintam prazer semelhante ao que eu senti para escrevê-la.

Márcio, outubro de 2003.

2) MEMORIAL

Atleta. Palavra potente, às vezes, sinônimo de mito, ídolo, herói. Eu queria ser um deles. Passei toda minha puberdade e adolescência sonhando e desejando este feito. Imaginem! Ganhar para jogar bola. Ganhar para fazer aquilo que eu mais gostava. Aquilo que eu amava. Era goleiro de futsal e me empenhava bastante nos treinos. Nunca cheguei ao alto nível. Passei pela transição entre este e o médio nível. Mesmo neste nível os treinos já eram extenuantes, repetitivos e monótonos. Comecei a ficar um pouco desmotivado para treinar. Mas o sonho era maior. A falta de interesse e motivação para treinar era superada por este sonho. Dores, contusões e machucados eram camuflados e superados pelo desejo de vitória, de conquista dos objetivos. Porém, o futebol e o futsal não se apresentaram como a arte que eu via. Todo meu empenho esbarrava em fatos extra-campo ou extra-quadra que me deixavam muito triste. Recebi várias promessas, vários convites que até hoje eu espero. Eles nunca se concretizaram. Eram sempre as mesmas frases: “Calma, eu estou arrumando. Estou ajeitando algo para você. Continue se dedicando assim. Não deixe de treinar!”. E eu treinava. Movido pelo desejo e pela confiança naquelas pessoas, eu treinava. Treinava futebol à tarde e futsal à noite. Morava em Mococa-SP, onde eu fiz curso técnico em eletrônica. Não foi lá que comecei a jogar. Foi em Furnas-MG, minha cidade natal. Fui para Mococa com quinze anos de idade e com dezesseis, cursando o segundo ano do ensino médio/técnico, entrei para o time da cidade através de uma peneira. Formei-me em 1996, mas continuei na cidade no ano seguinte por convites e promessas do meu treinador e de um olheiro que era o dono da liga que nós disputávamos e dizia-se encantado com minha performance.

O ano foi passando e nenhuma promessa se concretizando. Recebia um “paitrocínio” que às vezes me chateava. A maioria dos meus colegas que se formaram comigo já estavam trabalhando ou fazendo estágio. E eu lá, jogando bola. Meus pais não eram muito a favor da minha decisão. Mas a respeitaram e me ajudaram. Nunca vi a verba que meu treinador dizia que eu ia receber. Ele até se empenhava, mas não conseguia ninguém que quisesse me patrocinar. Somente um restaurante se dispôs. Pelo menos a comida era por conta. Mas todas as outras despesas eram “paitrocinadas”. Até hoje agradeço meus pais. Em sua serenidade e paciência, eles sabiam que aquilo seria um ótimo aprendizado para mim. Respeitaram e insistiram na minha lição.

O primeiro semestre de 1997 se findou. Nada de propostas, nem mesmo com uma bela atuação nos Jogos Regionais do Estado de São Paulo, realizado em Paulínia naquele ano. Não nos classificamos para os Jogos Abertos, mas fizemos uma boa campanha e eu havia sido destaque nos jogos, recebendo elogios de árbitros, técnicos e jogadores adversários. Foi muito frustrante terminar o semestre e não realizar meu sonho. Decidi parar. Não agüentava mais aquela situação. Meus pais faziam tudo por mim e eu não lhes dava nada em troca. Não que eles quisessem ou cobrassem, mas eu me sentia no dever de retribuir. Arrumei minhas trouxas e voltei ao meu lar, para felicidade de meus pais. Mas em agosto estava de volta à Mococa. No ano anterior, em 1996, eu havia feito um concurso para estágio remunerado na CESP. Havia somente duas vagas e eu fiquei em terceiro. No final de julho de 1997, um dos conclamados desistiu do estágio e eu fui contatado para assumir a vaga. Por mais quatro meses eu ficaria em Mococa. O sonho se reacendeu. Eu teria mais uma chance. Mas esta seria a última! Se não desse certo desta vez, não haveria outra, pensei.

Dezembro de 1997. Várias promessas e nada de concreto. Desisti de vez. Voltei para casa de meus pais que agora moravam em Passos, a 27 km de Furnas. Para conseguir meu diploma eu teria que fazer mais dois meses de estágio, pois eram seis no total e eu tinha feito somente quatro na CESP. O estágio de dois meses restantes foi feito na empresa que deu origem à minha cidade natal: Furnas Centrais Elétricas S.A., da qual meu pai fora funcionário por longos anos. Ia de ônibus fretado todos os dias e no final da tarde voltava para minha casa.

Muitos de meus amigos de infância moravam em Passos também. Inclusive alguns que também estudaram em Mococa. Eles sempre me chamavam para jogar futsal com eles e numa destas peladas recebi um convite para jogar no Clube Passense de Natação (CPN). Clube que já fora campeão mineiro na categoria juvenil e era muito respeitado em Minas Gerais. Mais uma vez o sonho veio à tona. Era meu último ano na categoria juvenil (até 19 anos). Seria sócio-atleta e poderia desfrutar de toda estrutura do clube. E o mais importante, daria para conciliar com o estágio.

Chegamos até a fase final do campeonato mineiro na categoria juvenil. Não fomos bem. Perdemos dois jogos de goleada. Fui reserva no primeiro jogo, entrei e conquistei a posição de titular. Apesar das goleadas, eu fui o nome das partidas, tanto que o treinador me chamou para treinar com o time adulto, já que o goleiro deles não ia bem. Empolgado eu fui. Triste eu fiquei ao saber que o clube iria abandonar o campeonato por falta de dinheiro. Essa realmente foi a gota d'água. Desisti de verdade, mas enfrentei um dilema muito grande. O que fazer agora? Eu odiava eletrônica. Concretizei isto nos dois estágios. Durante o curso já havia me deparado com este sentimento, mas no estágio ele fora potencializado. Eu não gostava de ficar parado numa sala sem fazer nada. Não queria aquilo para minha vida. Decidi fazer faculdade.

Teria que estudar muito. Não teria condições de passar numa faculdade pública sem me dedicar. Principalmente porque meu ensino médio foi técnico e, por isso, falho em algumas matérias.

Matriculei-me num cursinho pré-vestibular. Mas já estava em setembro e eu teria pouco tempo. Minha família passava por dificuldades financeiras. Meu pai já estava aposentado e seu salário bastante reduzido. Toda dificuldade e frustração anterior deram-me mais garra para lutar. Eu tinha muita confiança que iria conseguir. Sempre tive facilidade na escola. Sempre fui bom aluno. Mas nunca gostei de estudar. Naquele momento eu precisaria estudar muito e a motivação se concretizou por mais um sonho e, de certa forma, pela dívida que eu me cobrava para com meus pais. Estudei bastante. Questionava bastante nas aulas. Algumas perguntas eram consideradas imbecis para os outros alunos. Para mim não eram. Quase tudo era novo. Fui alvo de chacota algumas vezes, mas não ligava. Meu ensino havia sido falho e só eu sabia disso.

Escolhi Educação Física, não pelas aulas que eu tive na escola que foram péssimas. Mas pela minha vivência esportiva, onde eu fiz muitos amigos e aprendi muitas coisas. Unicamp, Unesp e Usp foram as universidades escolhidas. Meus colegas de cursinho diziam que eu era louco. Como alguém que faz perguntas imbecis poderia passar em algum destes vestibulares? Meus amigos de Furnas me motivavam. Diziam que eu conseguiria, que eu era inteligente. Amigos nos conhecem mais que os colegas. Eu consegui. Passei na Unesp e Unicamp. Escolhi Unicamp. Foi uma festa geral. O pouco tempo que tive não foi problema diante de meu empenho. Alcancei meu sonho. Realizei a mim e a meus pais. Paguei a dívida que achava que tinha com eles. Só eu achava, eles nunca me cobraram.

A dificuldade financeira e a depressão que meu pai enfrentava não foram suficientes para me vencer. Eu era e acho que ainda sou um guerreiro. Vim para Campinas. Tornei-me um universitário de uma das maiores universidades do país. Estava completamente realizado, mas a solidão doía muito. Diferentemente de como foi em Mococa, onde uma turma de amigos furnenses também foi estudar lá, para Campinas eu vim sozinho. Um conterrâneo, da turma do meu irmão e meu amigo também, fazia doutorado e morava na Moradia Estudantil da Unicamp. Fui morar com ele. Ele me ajudou bastante. Não fosse por ele e pela Flávia, minha namorada na ocasião, eu teria desistido. Teria voltado. Mas a oportunidade era ímpar. Eles me fizeram enxergar isto. Muitos queriam estar onde eu estava. Não podia desistir agora. Fiquei sozinho algumas vezes, mas fiquei. A solidão durou pouco. Minha turma é muito boa. Rapidamente nos entrosamos e eu ganhei novos amigos.

A dificuldade financeira que minha família enfrentava foi amenizada pela conquista de vaga no programa de moradia estudantil, onde morei os dois primeiros anos até mudar para a República Quilombo, formada por amigos da minha turma. Mesmo sem gastar com moradia, eu não me sentia confortável. Eu queria fazer algo mais para contribuir em casa. Como bom mineiro, comecei a vender doces. Eu era autônomo e tinha meus próprios horários. Assim, os doces ajudaram, e muito, nas minhas despesas e não afetaram minha formação.

Aproveitei muito da universidade. Fui atrás de tudo que pude e que me interessava. Fiquei encantado com a dinâmica cultural existente. São pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo num só lugar. Várias crenças, tradições e aspirações se entrelaçando. Fiquei perplexo. Até mesmo o curso me surpreendeu. Entrei com uma idéia construída pelos anos de vivências esportivas e o objetivo de ser preparador físico

e técnico de futebol. Para mim, Educação Física era sinônimo de esporte. Achei que eu iria jogar bola o dia inteiro, em todas as aulas. Que nada! Ouvei palavras como “corporeidade”, “motricidade humana”, “educação”. Nunca imaginara que veria isto num curso de Educação Física. Achava que era um curso extremamente prático. Para minha sorte, me enganei, digo hoje. Sempre gostei de praticar esportes, mas descobri que Educação Física é muito mais que isso.

No primeiro ano me apaixonei por Anatomia. Adorava descobrir o corpo humano. Fui o melhor aluno da sala. Adorava ler os livros, adorava estudar o assunto, fato que me rendeu um estágio no Departamento de Anatomia no segundo ano. Paralelamente ao estágio, cursei uma disciplina muito interessante: Bioquímica. Esta disciplina começou a delinear o funcionamento daquela coisa que eu havia achado muito interessante, que era o corpo humano. Desestimulado com a monotonia do estágio entre quatro paredes na Anatomia e motivado pela curiosidade adquirida na disciplina de Bioquímica, troquei de laboratório. Troquei bisturis por pipetas e beakers. Fiz até outra disciplina de Bioquímica no curso de Enfermagem por indicação da professora que ministrou a disciplina para minha turma.

O começo do estágio foi bem legal, como havia sido o de Anatomia também. Mas, assim como lá, a monotonia foi sendo instaurada. Eu parecia estar num laboratório de eletrônica, trancado entre quatro paredes, numa prisão de odores estranhos. Não resisti. Bicho do mato não nasceu para ser engaiolado. Queria liberdade. Liberdade aspirada pela disciplina MH 309 Aspectos Antropológicos da Motricidade Humana¹. Disciplina de nome feio e comprido que mereceu meu pré-

¹ Hoje MH 319 – Aspectos Sócios Antropológicos da Motricidade Humana.

conceito errôneo. Aliás, tenho aprendido que os pré-conceitos são errôneos na maioria das vezes. A aula, ministrada por Jocimar Daolio, meu orientador hoje, foi, sem dúvida, o divisor de águas do meu curso. Com ela, passei de uma visão biologicista para uma visão humanista de Educação Física. Passei a enxergar o corpo como entidade integral e não como partes como eu vira na Anatomia. Era importante eu saber as partes, mas o corpo, o ser humano, é muito mais que aquilo. O homem é um ser cultural e por isso impregnado de significados que as partes e as disciplinas que falam destas partes não dão conta de explicá-los. Tal disciplina não foi a única que continha este viés de homem, de corpo. Disciplinas anteriores, também das ciências humanas, foram até interessantes, mas não mexeram com minha essência como a MH 309. Numa aula de Antropologia, descobri algo mais sobre futebol: o complexo significado desse fenômeno e sua importância na sociedade brasileira. Um texto: *As contradições do Futebol Brasileiro*² e uma aula ministrada por Sílvio R. Silva (professor da Universidade Federal de Viçosa e orientando de Jocimar no doutorado) sobre a paixão do torcedor pelo clube de futebol me fizeram delirar. A ciência não era feita só de ratos brancos. Foi a maior e melhor descoberta que eu fiz. Agora sim eu poderia fazer ciência. Sair a campo. Não ficar enfurnado num lugar fechado. Procurei o professor com algumas idéias e ele pediu que eu “botasse no papel”. “Botei” e entreguei para ele. Ele parece ter gostado e diante do meu interesse e do interesse de outros colegas de sala, retomou um grupo de estudos chamado Educação Física e Cultura que estava parado. Fiz parte deste grupo de agosto de 2000 a novembro de 2001. Um ano e meio de estudos extra-classe.

² DAOLIO, J. *As Contradições do Futebol Brasileiro*. In: CARRANO, P.C.R. (org). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

Estudos mais aprofundados. Leituras complexas que resultaram numa bolsa de iniciação científica cuja pesquisa apresento nesta monografia (Morato, 2002).

Aquela disciplina não foi responsável somente pela minha iniciação científica, mas por toda uma nova visão de mundo e de Educação Física. Claro que ela não foi a única, como eu disse, mas foi o início de uma nova visão. Hoje os pré-conceitos ainda não deixaram de existir, mas são muito mais cautelosos e reflexivos. A concepção de ser humano e de cultura tem me ajudado bastante neste meu início profissional. Entender o ser humano e suas diferenças é de fundamental importância para a carreira que começo a seguir.

A UNICAMP é uma universidade fabulosa para a formação de uma pessoa. A oportunidade de transitar por vários cursos, fazer matérias em outros institutos, conhecer diversidades culturais e pessoais é grandioso e imensurável.

Termo minha graduação muito satisfeito com meu curso. Olho para trás e percebo como foram bem aproveitados estes cinco anos, mesmo diante de todas as dificuldades apresentadas. Sei que não li tudo que eu queria, que não fiz tudo que eu desejava, mas sei que tudo que fiz foi feito com empenho e muita dedicação. Talvez não da forma mais desejada, mas da melhor forma possível. Sei que não sei tudo, mas tenho tudo que preciso para procurar o saber. Curiosidade e dúvida são fundamentais para o conhecimento. E para conhecer precisamos saber que temos muito a aprender. Mais uma vez agradeço a todos aqueles que me trouxeram e ainda me trazem dúvidas.

3) PONTAPÉ INICIAL

A violência é um fenômeno que sempre caminhou junto aos atores do futebol, sejam eles, jogadores ou torcedores. As torcidas organizadas, surgidas no final da década de 1960 e início de 1970, têm sido responsabilizadas pela crescente rivalidade no esporte (Toledo, 1996). A década de 1990 presenciou verdadeiras batalhas campais “encabeçadas” por algumas destas torcidas. Há uma versão, defendida principalmente pela mídia, de que estas organizações congregam apenas malandros e desocupados que têm a baderna e o caos como interesse primordial e não o incentivo ao time. Esta corrente nega a riqueza simbólica existente no futebol ao simplificar as relações do torcer em distúrbios comportamentais de alguns indivíduos inseridos naquelas torcidas. Existem, sim, alguns torcedores que se camuflam na massa torcedora para cometerem atos ilícitos, como em qualquer outra instância social. Não se pode generalizar. Nem todo torcedor organizado é “bandido” como nem todo “bandido” é um torcedor organizado. Isto não passa de uma visão elitista e preconceituosa de tal fenômeno.

O futebol é muito mais que um esporte para aglomeração de desocupados. Ele contém um conjunto de símbolos significantes de nossa cultura. É uma forma do homem nacional se expressar, revelando-se e descobrindo-se (Byington, 1982; DaMatta, 1982; Daolio, 2000).

Assumindo a cultura como a segunda natureza do ser humano, originada por intermédio das relações humanas e incorporada à dinâmica de vida de cada um (Chauí, 1994), o futebol pode ser considerado um fenômeno cultural. Afinal, o futebol não nasceu no Brasil e nem existia quando o Brasil nasceu. Não é inato do brasileiro. É um

esporte que foi incorporado à nossa cultura. É uma linha que foi adicionada à teia de significados (Geertz, 1989) tecida pela sociedade brasileira.

Nesse sentido, procuramos estudar, a partir de uma análise etnográfica, a relação entre torcedores de dois times rivais da cidade de Campinas – SP, a Associação Atlética Ponte Preta e o Guarani Futebol Clube. Acompanhamos os torcedores destas equipes em doze jogos (seis de cada equipe) durante o Campeonato Brasileiro de 2001 e a Liga Rio-SP 2002, sendo dois destes jogos o confronto direto entre tais equipes, o chamado Derby Campineiro³. As observações foram feitas da arquibancada, junto aos torcedores. Foram seis jogos em cada estádio com a torcida respectiva, ou melhor, a torcida da casa⁴. Também foram realizadas oito entrevistas com torcedores dessas equipes (quatro de cada time).

4) O TORCEDOR E SEU TIME

Os torcedores se envolvem de “corpo e alma” no drama de seu time do coração. Por ele, externam suas emoções mais profundas e reprimidas, lidando com muitas emoções humanas (Byington, 1982). Suas crenças e valores são dramatizados e extravasados no desenrolar dos lances de uma partida. É no futebol que o homem chora sem nenhuma vergonha, pelas conquistas e derrotas de seu time. É onde brancos, negros, mulatos e mestiços, ricos e pobres, se unem num único objetivo, a torcida pela vitória de seu time. Onde não precisamos preencher nenhum pré-requisito

³ Nome originário do turfe inglês e incorporado ao universo lingüístico do futebol passando a ser sinônimo de clássico (Zago, 1997). Tem seu maior uso no caso específico do jogo entre Ponte Preta e Guarani.

⁴ Equipe possuidora do mando de jogo.

e nem comprovar renda para escolher o time pelo qual vamos torcer (Daolio, 1997). A condição de torcedor de futebol no Brasil extrapola a simplicidade da predileção por um clube para nos trazer um “mar” de significados de nossa própria cultura.

O fato das pessoas escolherem um time para torcer faz com que sejam reconhecidas e identificadas com o nome, as cores e o mascote do mesmo. Quantas vezes nos deparamos com situações em que conhecemos uma pessoa e quando vamos descrevê-la para um outro conhecido em comum, colocamos em suas características sua preferência clubística: “Você lembra do fulano... Aquele que estudou conosco no 2º grau. Um baixinho, moreno, *corintiano*, gordinho...”. O torcedor ganha características do seu time. Pode ser o próprio nome, suas cores, seu mascote: o bugrino, o rubro-negro, o pontepretano, o cruz-maltino etc. Estas descrições o acompanham durante toda vida. Dificilmente um torcedor de futebol troca de time.

A figura do torcedor de futebol é diferente dos torcedores de outros esportes. Estes não criam vínculos com as equipes como aqueles. Tais equipes geralmente levam o nome do patrocinador e carregam a marca até quando os lucros ou os objetivos da empresa são alcançados, então a equipe acaba ou é transferida de localidade. No futebol, não! O Corinthians é Corinthians desde sua fundação e ainda se situa em São Paulo. O Flamengo tem o mesmo nome desde 1895 e continua no Rio de Janeiro. O patrimônio de um time de futebol é permanente. Este é o aspecto que mais contribui para a fidelidade existente entre torcedor/time de futebol.

Para se torcer é necessário criar vínculos. Não é uma definição geneticamente estabelecida como muitos afirmam ao dizer que já nasceram torcendo por um clube. Torcer é uma construção cultural, e baseia-se principalmente em nossas relações, em nossas experiências. Desde meninos somos influenciados por familiares e amigos.

Ganhamos bolas de futebol e uniforme do clube preferido por um de nossos pais. “(...) *todos nós começamos com um equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie*” (Geertz, 1989, p.57). Temos tantas possibilidades de escolha quanto tantos times existirem, mas escolhemos apenas um. Mesmo que tenhamos alguma simpatia por outro time, o chamado “time do coração” é somente um. É somente um time para toda uma vida.

São as influências de familiares, de amigos, a identificação com a história e/ou origem do clube, a proximidade com o mesmo ou a vivência de momentos de sucessos ou fracassos da equipe (Silva, 2001), além do fato de ir ao estádio com os pais ou parentes, amigos ou vizinhos (Morato, 2002) que orientam a escolha do time e o estabelecimento de vínculos afetivos com ele. Por isso a relação com equipes de outros esportes não é tão fiel quanto a relação de um torcedor com seu time de futebol. Essa escolha não é aleatória. Ela tem um sentido, segue uma lógica de significados. Também há certa necessidade de ser parte do momento histórico, de dizer: “eu estava lá”, “eu ajudei o meu time”, “eu vi”. As equipes de outros esportes ainda falham nestes aspectos. Não conseguem “acolher” seus torcedores como fazem os times de futebol. Elas estão sempre mudando de cidade, de patrocinador e até mesmo de cores, um dos maiores patrimônios de um time. O vínculo necessário não é estabelecido. São equipes frutos da marca e, sem esta, não mais existem. Ao deixarem de existir, a validade da presença do torcedor num determinado momento histórico não tem mais sentido, porque o time que lhe proporcionou tal fato não está mais presente. Isto seria um profundo trauma na relação torcedor/clube do coração. Trauma que dificilmente ocorre no futebol.

No universo dos torcedores, um time de futebol é composto pelo seu patrimônio, pelos jogadores e, é claro, por eles mesmos, a torcida. São os três pilares básicos formadores de uma tríade fundamental. Para Toledo (1996), jogadores e torcedores também fazem parte do patrimônio de um time, sendo os últimos permanentes e os primeiros passageiros. Indubitavelmente, jogadores são passageiros e torcedores permanentes, mas ambos estão além do patrimônio da equipe. São mais que objetos simbólicos. São seres humanos pensantes e ativos, promotores e guardiões do patrimônio de seu time.

Há uma dependente relação entre os elementos da tríade. Equivoca-se aquele que credita somente aos jogadores o desenvolvimento de uma equipe. Os torcedores são tão importantes quanto eles. No ciclo de desenvolvimento de uma equipe, os torcedores são os incentivadores dos jogadores. Estes, motivados, aumentam a dedicação ao patrimônio em busca de títulos. Com os títulos, o patrimônio cresce, a torcida alegre-se e gaba-se, exaltando os jogadores que ficam ainda mais motivados para defender o patrimônio do time.

4.1) O PATRIMÔNIO

O patrimônio de um time é o maior tesouro de um torcedor. É grandioso e sagrado para ele. É um conjunto de objetos simbólicos que uma pessoa aprende a aceitar, a crer e a defender logo que se concretiza sua escolha. O time escolhido é o marco de um ritual. Um ritual de passagem de indivíduo para torcedor.

O patrimônio de um time é constituído pelo seu clube ou sede, sua história, sua camisa, sua bandeira, suas cores, seu hino, seu distintivo, seu mascote, seu estádio e seus títulos.

4.1.1) Clube ou sede

A sede ou o clube, social ou de campo, não é patrimônio para todos. Somente uma pequena parcela dos torcedores pode usufruir dessa estrutura. Não é como no estádio em que é permitida a entrada de qualquer torcedor. Na sede só entram os sócios do clube. Para ser sócio é preciso comprar um título. Para se manter sócio é preciso pagar as mensalidades. É uma regalia de poucos. A maioria dos torcedores que vai ao estádio nem conhece a sede. Não a veneram como seu estádio, mas ainda assim a respeitam como parte de seu patrimônio.

4.1.2) A história, o hino e o mascote

A história é um patrimônio guardado e sabido por todos os torcedores. Quem torce, sabe ou tem o desejo de saber a origem e a trajetória de seu time. Sua história é a maior responsável pela rotulação que um time e seus torcedores ganham.

A “Macaca”, como é conhecida a Associação Atlética Ponte Preta (AAPP), devido ao seu mascote, é o mais antigo clube de futebol em atividade do país. Por este fato é apelidada de “Veterana”. Nascida perto dos trilhos da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro, na mesma região onde hoje se encontra seu estádio, Moisés Lucarelli, com fundação datada de 11 de agosto de 1900, a AAPP é sempre lembrada pelo seu caráter popular, por possuir associados e torcedores de origem simples na sua maioria (Santos Neto, 2000).

As características da fundação da Ponte Preta são importantes para a compreensão do estereótipo ligado ao clube e seus torcedores: “clube de massa”,

“povão”. Esta característica é sempre lembrada pelos torcedores pontepretanos e também pelos bugrinos⁵.

O nome Ponte Preta vem de uma ponte de madeira que fazia a ligação entre o centro da cidade e os bairros em direção à região sul. Esta ponte de madeira tinha sua manutenção feita com alcatrão e sua característica cor negra. Ela emprestou seu nome para o bairro e também para a Associação Atlética (Santos Neto, 2000).

O Guarani Futebol Clube tem sua fundação pouco mais de uma década após a fundação do rival (02/04/1911). Um grupo de jovens estudantes (descendentes de imigrantes italianos em sua maioria), que sempre se reuniam na antiga praça do “Cardoso”, atual Praça Carlos Gomes, no centro da cidade, resolveram fundar um clube especificamente para a prática do futebol, motivados pelo surgimento de vários times em São Paulo e em Campinas (Zago, 1997).

O time do Guarani é estereotipado como um time de elite, apesar de seus fundadores serem de classe média/baixa (Zago, 1997). Portanto, esta “rotulação” aos bugrinos, talvez se deva menos à sua fundação, do que ao transcorrer de sua história, suas tradições, bens adquiridos e estrutura alicerçada ao longo dos anos de existência.

Os hinos dos times exaltam e auto-afirmam seu patrimônio além de inculcar garra e fibra (Fig. 1). São escritos no decorrer da história dos times e tem um poder muito forte na união dos torcedores. O hino para os torcedores é como a reza para os cristãos. É momento de comunhão. Momento de unidade. De união de forças. Os diferentes cantos existentes numa mesma torcida cessam no estádio. Todos os

⁵ Torcedores do Guarani. Esta denominação se deve ao fato do mascote do time ser um índio.

torcedores se unem para cantar o hino assim que alguns o iniciam. É comunhão total. Equivalente somente à ocasião de um gol.

Letra: Renato Silva		Letra: Oswaldo Guilherme	
Estandarte desfraldado	Seu estádio é o Majestoso	Eu levo sempre comigo,	Avante, avante meu Bugre,
Preto e branco é sua cor	Seu nome uma glória	em todo o campo que eu for,	com fibra e destemor,
Ponte Preta vai pro campo	Ponte Preta sempre sempre	a bandeira do verde e branco,	a cada nova jornada,
Pra mostrar o seu valor	Na derrota e na vitória	símbolo do torcedor.	Guarani é mais amor.
Ponte Preta inflamante	És amada Ponte Preta	Brinco de Ouro, a nossa taba,	Avante, avante, meu Bugre
Ponte Preta emoção	Orgulho de nossa terra	construído com devoção,	Que nós vibramos por ti,
Ponte Preta gigante	Ponte Preta de paz	nossa família bugrina,	na vitória ou na derrota,
Raça de campeão	Ponte Preta de guerra	tem raça e tradição.	hoje e sempre Guarani.

Fig 1. Hinos de Ponte Preta e Guarani, respectivamente

Os dirigentes parecem atribuir tal poder aos hinos ao fazerem com que eles sejam tocados várias vezes pelos alto-falantes do estádio, antes do início da partida, no intervalo e após o término do jogo. Tocá-lo é exaltar o patrimônio e unir os torcedores. É uma forma de motivá-los exacerbando o “nacionalismo clubístico”.

Durante a partida os alto-falantes são usados somente para informações gerais e a incumbência de tocar e cantar o hino fica por conta dos torcedores. A cada vez que o hino é cantado, uma reação, principalmente por meio de vaias, é iniciada pelos torcedores adversários. Para eles o hino do outro time é tido como uma agressão simbólica, pois é uma exaltação de símbolos que eles negam.

Os mascotes (Fig. 2) são símbolos que também contribuem na identificação dos torcedores. Eles podem ser idealizados no momento da fundação ou serem incorporados de acordo com a trajetória histórica do time. As boas características que eles apresentam são atribuídas às características do time e de seus torcedores numa idealização de estereótipo.



Fig 2 – Mascotes de Ponte e Guarani

4.1.3) A camisa, a bandeira, as cores e o distintivo

A camisa e a bandeira são os maiores objetos simbólicos de um time. Maiores em grau de importância, pois carregam as cores e o distintivo (Fig. 3). À camisa, é delegada importância ainda maior que à bandeira. É um objeto de fácil acesso⁶ e que é carregado junto ao corpo. No meio futebolístico é popularmente chamada de segunda pele. Usar a camisa de seu time é demonstrar sua predileção, sua tribo e negar e agredir simbolicamente as outras tribos, os outros times.



Fig 3 – Camisas, cores e distintivos.

A bandeira não tem um acesso tão facilitado como a camisa, mas também é de grande importância simbólica para seus torcedores. As grandes bandeiras (Foto 1) são exclusivas das torcidas organizadas. Sua exposição não é freqüente como a exposição da camisa. Existe um certo ritual para hasteá-la que ocorre antes dos jogos, na entrada

⁶ As camisas oficiais são muito caras. Porém existe um mercado paralelo acessível a todos.

da equipe no gramado e na ocorrência do gol. A cada exposição há uma reação contrária da torcida adversária, seja por meio de vaias ou xingamentos.



Foto 1 – Os “Bandeirões”. Fotos retiradas dos sites das torcidas organizadas.

Nenhum aspecto de identificação pode se aproximar do rival. Rivalizar é diferenciar-se, inclusive nas cores. Times rivais não podem ter cores iguais, pelo menos é isto que se verifica com diferentes times de uma mesma cidade. O Guarani, fundado posteriormente, tem as cores verde e branco, diferente do preto e branco do rival. Isto também ocorre com outros clubes que “dividem” uma cidade. O Grêmio é tricolor (azul, preto e branco), enquanto o rival Internacional é alvirrubro, ambos de Porto Alegre-RS. Outro tricolor é o Bahia (azul, vermelho e branco) que se diferencia do Vitória que veste as cores rubro-negras na capital do Estado da Bahia. Em Minas Gerais o Atlético é alvinegro e o Cruzeiro é azul e branco.

Um exemplo da importância das cores aconteceu num jogo da Ponte Preta, onde foram distribuídas bexigas na cor preta, branca e amarela para os torcedores. Um torcedor ao meu lado pegou três, uma de cada cor. No decorrer do jogo estourou uma bexiga e ele disse: “*Beleza, estourou a amarela*”. O amarelo não faz parte das cores do time. Se porventura estourasse uma das outras duas bexigas (a preta ou a branca), provavelmente ele teria ficado chateado.

As cores também remontam a lembranças do rival. No jogo Ponte Preta x São Caetano, o time alvinegro estava com uma frase estampada na sua camisa: “Campinas pela paz”, em virtude da violência que tem aumentado na cidade nos últimos anos. Até aí, nada de errado, não fosse pela cor das letras: VERDE. A Ponte Preta perdia por 2x1 e diante de mais um erro da equipe, um torcedor disse: “*É essa porra desse verde na camisa dos cara!*”. Transformou a incompetência do time em azar ou “mau olhado” e colocou a culpa nas cores do rival.

4.1.4) O estádio

Um dia de jogo, um estádio. O palco e o templo do futebol. Local onde os torcedores depositam sua fé na esperança da vitória de seu time. Onde os atores se apresentam. Jogadores apresentam o balé da bola. Torcedores orquestram a sinfonia da vitória e comungam com outros torcedores suas realizações. Espetáculo grandioso. Templo de convergência de todas as aspirações de um torcedor. Estádio do seu time. O seu estádio. Patrimônio querido e irretocável. Um terreno sagrado.

Já o estádio rival, seu inverso simétrico. Território profano, inimigo. Adentrá-lo requer coragem e também um bom planejamento, como numa batalha. Este planejamento é estudado e “botado no papel”, segundo os torcedores com quem tive contato.

A Ponte Preta possui um estádio com capacidade para 28.000 pessoas aproximadamente, e que leva o nome do maior idealizador do projeto: Moisés Lucarelli, patrono do time na ocasião da construção do estádio. O estádio (Foto 2) também é chamado de “Majestoso” por seus torcedores. Foi construído num mutirão com materiais doados pelos próprios torcedores, fato de muito orgulho para eles. A data de

inauguração foi oficializada no dia 12 de setembro de 1948 em um jogo entre Ponte Preta e XV de Novembro de Piracicaba.



Foto 2 - Estádio Moisés Lucarelli – “O Majestoso”



Foto 3 - Estádio Brinco de Ouro da Princesa

O estádio do Guarani (Foto 3), com projeto datado em 11 de julho de 1948, recebeu o nome de Brinco de Ouro da Princesa por intermédio do jornalista João Caetano Monteiro Filho que, ao ver a forma circular e a beleza do novo estádio, numa foto tirada da maquete apresentada pelos arquitetos Ícaro de Castro Melo e Osvaldo Correia Gonçalves, lhe veio à mente um brinco e como Campinas era conhecida nacionalmente como a "Princesa D'Oeste" fez o seguinte título: Brinco de ouro para a "Princesa". Foi o que bastou para que a torcida bugrina passasse a chamá-lo dessa maneira (Grupo de Informação e Pesquisa Histórica do Guarani, 1998). É interessante notar a data do projeto: é o mesmo ano de fundação do estádio da rival Ponte Preta (Grupo de Informação e Pesquisa Histórica do Guarani, 1998). A rivalidade provavelmente serviu de motivação para a construção de seu estádio.

Depois de cinco anos, no dia 31 de maio de 1953, o estádio foi inaugurado com a partida entre Guarani e Palmeiras. Sua capacidade atual é de 50.000 pessoas (Grupo de Informação e Pesquisa Histórica do Guarani, 1998).

Na visão dos torcedores, o seu estádio é o melhor. Mesmo sabendo que a grande maioria dos estádios brasileiros é péssima, apresentam inúmeras precariedades e cobram caro pelo que oferecem (em termos de estrutura, desconsiderando o

espetáculo), ainda assim, adoram o seu. Os pontepretanos reconhecem que o Brinco de Ouro (Galinheiro para eles) é um estádio maior e mais novo, mas logo após o elogio, dizem que não adianta nada, pois apesar disto, ele nunca enche. Segundo os pontepretanos, deveria ser o contrário, a capacidade de público do Brinco de Ouro para o Majestoso.

Os bugrinos demonstram uma certa prepotência quando o assunto é sobre os estádios. Chamam o estádio da Ponte Preta de “Chiqueirão” e dizem que tudo lá foi improvisado, inclusive sua construção, através do mutirão e da doação de tijolos. Reclamam da péssima hospitalidade dos rivais. Dizem que os alvinegros não deixam nenhum ambulante entrar na área destinada a eles em dia de Derby. Nem mesmo para vender água, fato que não ocorre no Brinco de Ouro, segundo eles.

Os apelidos dados aos estádios (Galinheiro e Chiqueirão) afirmam e reforçam os estereótipos ligados a seus torcedores. No Galinheiro só ficam galinhas, o que condiz com a suposta feminilidade dos bugrinos creditada pelos pontepretanos, enquanto o Chiqueirão é tomado pela ralé e favelados, que não necessitam de nenhum conforto, na opinião dos torcedores do Guarani.

Em dia de jogo tem-se um certo ritual que raramente é modificado e que começa a se desenrolar antes dos torcedores chegarem ao estádio. No trajeto a ser realizado até ele, seja de carro, de ônibus ou mesmo a pé, os torcedores vão se agrupando. Alguns caminham sozinhos e em silêncio. Os grupos que se formam ou os que já vêm formados apresentam um comportamento agressivo demonstrado através de cantos, gestos e afrontamentos a torcedores adversários, quando estes são vistos. O “clima” próximo ao estádio é bastante peculiar. O estranhamento daquele que não faz parte do ambiente é inevitável. O que se percebe é uma quebra das barreiras sociais e raciais.

São ricos, pobres, negros, brancos, mulatos, crianças, adultos e idosos, homens e mulheres num único local. Talvez haja uma separação dentro do estádio em virtude de sua estruturação (arquibancadas e cadeiras), mas muitos vão se sentar lado a lado durante a partida.

Dentro do estádio este “clima” é amenizado por uma emoção que toma conta do torcedor. As pessoas parecem não se incomodar tanto quanto fora. Parecem se sentir mais seguras e acolhidas, porque os portões demarcam a separação entre o sagrado (dentro) e o profano (fora), entre a comunhão (dentro) e a desagregação (fora). Dentro, a fé na vitória do seu time alimenta a alma do torcedor, modificando aquele clima apresentado do lado de fora do estádio, ditando outras regras e orientando uma diferente forma de relação.

As torcidas têm seus lugares demarcados e há uma separação entre os adversários, inclusive com portões de entrada distintos. Há um espaço ocupado somente pela polícia militar (PM) que separa os torcedores adversários e é estabelecido de acordo com a importância da partida. As torcidas organizadas ocupam sempre a mesma faixa da arquibancada, mas isto não é exclusividade delas. Os torcedores que não fazem parte de nenhuma organização de torcida, também procuram se sentar sempre nos mesmos lugares. Esta ordem na forma de ocupação espacial contribui para a socialização das pessoas que ali vão e torna o ambiente familiar para os que têm maior assiduidade.

4.1.5) Os títulos

O título é a materialização da vitória. Vencer é o objetivo principal no mundo futebolístico e o título é a concretização deste objetivo. A conquista de um campeonato

significa o crescimento do patrimônio de um time. Todos os times buscam o título. Mas o futebol é para poucos. São sempre os mesmos times que se revezam nas conquistas, exceto raríssimas exceções.

O fato de Ponte Preta e Guarani não serem uns destes poucos times que estão sempre chegando às finais, disputando títulos, faz com que o resultado do Derby e a melhor posição na tabela de classificação sejam os objetivos a serem alcançados. É uma disputa paralela ao campeonato: ficar na frente do outro time na classificação e, é claro, vencer o Derby. Este é o objetivo maior segundo pontepretanos e bugrinos. Eles dizem que o time pode cair para a segunda divisão, perder de goleada para um terceiro time e até perder uma final de campeonato, mas perder o Derby é a pior coisa que pode acontecer.

Apesar de sua vasta idade, a Ponte Preta ainda não conquistou um título importante no cenário estadual e nem nacional, porém foi o primeiro clube do interior a disputar estes campeonatos, quebrando uma rotina em que somente times de capitais participavam de campeonatos brasileiros e estaduais. Já o Guarani conquistou a Taça de Prata em 1981⁷, o Campeonato Paulista da Segunda Divisão, em 1949, e o Campeonato Brasileiro de 1978. Este último é o maior orgulho dos bugrinos e a maior dor de cabeça para os pontepretanos. No alto do estádio bugrino está escrita a seguinte frase: *“Único campeão brasileiro do interior”*. Ser o único time do interior a possuir um título nacional é deter um grande poder em mãos. Vários torcedores, de ambos os times, citam este título. Os bugrinos o festejam e exaltam enquanto os pontepretanos o lamentam, pois atribuem ao título uma grande vantagem que os bugrinos têm em

⁷ Segunda divisão nacional na época.

relação a eles. Nos jogos entre as duas equipes os bugrinos cantam rimas que lembram esta vantagem: “*Não é mole não, mais de 100 anos sem gritar é campeão*” mostrando uma enorme estrela (símbolo do título) de isopor aos pontepretanos.

O inverso ao título é o rebaixamento. O Guarani vivia uma difícil fase durante a realização da pesquisa. Foi rebaixado no Campeonato Paulista 2001 e na Liga Rio-São Paulo 2002. Nos diálogos entre as torcidas, os pontepretanos sempre respondiam aos bugrinos quando eram alfinetados pela falta de título com a seguinte rima: “*Ão, ão, ão, segunda divisão*”. Porém, os dirigentes do futebol brasileiro têm encontrado algumas “soluções” para que suas equipes não caiam para uma divisão inferior. Com o Guarani isto não foi diferente. Ele não disputou a segunda divisão destes campeonatos. As chamadas viradas de mesa⁸ e a substituição do Campeonato Paulista pela Liga Rio-São Paulo em 2002 foram responsáveis por isso⁹. Em 2003 os dirigentes “esqueceram” do antigo rebaixamento do alviverde que acabou disputando o Campeonato Paulista sem nenhum problema. Mas mesmo diante destas questões extra-campo, o rebaixamento “mancha” o patrimônio de um time, pois é inscrito em sua história e passa a ser uma vergonha para seus torcedores.

4.2) OS JOGADORES

Os torcedores torcem pelo clube, mas a idolatria por um jogador pode contribuir na criação deste vínculo. Os torcedores sempre simpatizam com alguns jogadores que

⁸ Politicagens extra-campo que interferem no regulamento para beneficiar os times de maior influência política.

⁹ O campeonato Paulista de 2002 foi disputado apenas por algumas equipes do interior do estado. Guarani, Ponte Preta, São Caetano, Jundiaí, Portuguesa, São Paulo, Corinthians, Palmeiras e Santos, mais alguns times do estado do Rio de Janeiro, disputaram a Liga Rio-São Paulo.

estão no elenco do seu time. Às vezes, essa simpatia pelo jogador pode até continuar quando ele deixa a equipe, mas dificilmente isto ocorrerá se ele for para o time rival. Traição igual a esta nunca será feita por um torcedor. O time que ele escolheu dificilmente será trocado (somente em raríssimos casos), ainda mais por um time rival.

Para que ocorra a vitória, é necessário que saia o gol. O gol é o ápice do futebol, momento de maior êxtase da torcida, pois simboliza a “*morte do inimigo*” (Byington, 1982). Pode ser único e decisivo. Demonstra o poder de um time sobre outro. É altamente desestabilizador, e pode destruir todo o esquema tático de uma equipe. Daí a tamanha excitação neste momento. É um momento ímpar no esporte. Ao mesmo tempo em que denota o fim, o objetivo alcançado, dá a oportunidade de um novo começo, da bola ao centro, onde tudo começou. Mas a igualdade inicial não mais se apresenta, pois o poder exercido pelo gol, transformou a partida. E esta transformação, só ele, o gol, tem o poder de exercer.

O gol é instrumento dos torcedores. Porém, eles não têm o poder de marcá-los, mas influenciam quem tem: o jogador. É por isso que os grandes ídolos e heróis das torcidas são os artilheiros, os goleadores. Eles são poupados das cobranças por uma derrota e lembrados quando não jogam. A torcida sente sua falta por atribuir a eles um melhor desempenho da equipe. O atacante Washington era o ídolo pontepretano durante os campeonatos que acompanhamos. Quando ele não atuava, a torcida lamentava. Diante de erros de seus substitutos, os torcedores diziam: “essa ele não errava!”, ou “se o Washington tivesse jogando!”. No Guarani não havia um ídolo durante o período da pesquisa e os bugrinos sentiam a falta de um. O ídolo é o ponto de referência e o eixo principal das aspirações dos torcedores no elenco de um time.

Além do goleador, o jogador “raçudo”¹⁰ também é muito valorizado. Ele simboliza a luta do torcedor diante dos obstáculos do cotidiano. Não apresenta muita técnica, mas a compensa com vontade. Não faz muitos gols, mas evita os ataques adversários. Rouba muitas bolas, destrói muitas jogadas. Enfrenta os problemas de frente, com muita garra.

Os jogadores adversários são tidos como “problema” tal qual a torcida adversária. A torcida odeia que os jogadores adversários se encostem nos jogadores de seu time. Revoltam-se e xingam-lhes. Os jogadores de seu time também são guardiões de seu patrimônio. Agredi-los é agredir seu time, é uma agressão a ela própria. Cada uma das bases da tríade fundamental (patrimônio, jogadores e torcida) é influenciada pelas outras e todas precisam estar comungando o objetivo da vitória, para o engrandecimento do patrimônio do time. Por isso existe uma certa perseguição a alguns jogadores. Os perseguidos são aqueles que “mexem” ou agredem um jogador do time do torcedor; jogadores que deixaram o time, ou melhor, que para os torcedores, “traíram” o time; ex-jogadores do time rival e seus antigos ídolos. Estes dois últimos são sempre perseguidos porque contribuem ou contribuíram para a construção do patrimônio do rival. Neto, ex-jogador e ex-diretor de futebol do Guarani, é um bom exemplo. Na época da pesquisa ele estava no cargo de diretor de futebol do alviverde e foi xingado enquanto permaneceu à vista dos torcedores da Ponte Preta no estádio. Estes jogadores são perseguidos porque agredem simbolicamente pela simples presença, que remonta lembranças infelizes e por interferirem ou terem interferido na harmonia da tríade fundamental destes times.

¹⁰ Gíria utilizada para aquele jogador que demonstra grande vontade e raça durante a partida.

4.3) A TORCIDA

O complexo significado do torcer é delineado pelas diferentes expressões de sentimentos dos torcedores. Mesmo aqueles inseridos numa mesma dinâmica cultural apresentam diferenças no seu torcer. São nestas diferentes maneiras de torcer e no grau de envolvimento com o jogo que se diferenciam os “tipos” de torcedores. Segundo Reis (1998, p.6), temos os espectadores, os torcedores, os torcedores uniformizados e os torcedores organizados. Os espectadores são aqueles que apenas assistem aos jogos. Os torcedores são os que realmente se envolvem nas partidas. São os torcedores e não os espectadores que cantam, xingam, fazem coreografias, choram, empurram o time e agridem verbalmente – às vezes até fisicamente – os adversários e o árbitro. O torcedor uniformizado *“usa a camisa de sua equipe, demonstrando assim sua predileção por um time de futebol”*. Já o torcedor organizado *“faz parte de uma facção torcedora, que tem uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual torce”* (p.6).

Neste texto, o termo *torcida* e/ou *torcedores* significa o conjunto de pessoas que torcem por um determinado time. Dentro da torcida, diferenciamos dois tipos de torcedores: os organizados e os independentes. Estes últimos são aqueles que demonstram predileção por um determinado clube, sem importar se vão ou não aos estádios acompanhar os jogos, se cantam, xingam ou apenas assistem e, ainda, se demonstram publicamente suas tendências clubísticas vestindo a camisa de seus times, sem depender de uma organização estrutural para isso. Já em relação aos torcedores organizados, segue-se a mesma definição adotada por Reis (1998).

Cada torcedor seja ele integrante ou não de uma torcida organizada, acredita o bom desempenho do seu time à sua maneira de torcer. Sem a sua torcida, o seu

incentivo, seu time não terá chances contra o adversário. Mesmo que ele não pule, não grite, não berre, sua presença no estádio ou diante da televisão (ou do rádio), estará contribuindo com o seu time.

Os torcedores são humanos direcionados pelos códigos sociais. E torcer é um destes códigos. Um código muito importante para a identidade deles. São latino-americanos, brasileiros e torcedores. Vivem para torcer e torcem para viver. Uma faixa carregada pelos torcedores do Santos Futebol Clube no jogo contra a Ponte Preta em Campinas, dia 26/01/2002, é um ótimo exemplo disto. Nela, estava escrita a seguinte frase: “Nascer, viver e no Santos morrer!”. É torcendo que objetivam, direcionam e ordenam suas vidas.

Com as diferentes formas de torcer, criam-se certas rivalidades internas, ou seja, entre os diferentes torcedores de um mesmo time. Os integrantes de torcidas organizadas sentem-se mais poderosos que os demais torcedores por pertencerem a um grupo que possui sua própria vestimenta, suas músicas, seus cantos e um espaço delimitado nos estádios. Possuem uma certa segurança por estarem rodeados de muitas outras pessoas. Podem realizar proezas que sozinhos não conseguiriam e vislumbram em seus símbolos qualidades que acreditam possuir e que são necessárias a tais proezas (Toledo, 1996). Atribuem esta superioridade ao maior sacrifício, devoção e assiduidade. Permanecem em pé durante toda a partida, cantam e tocam instrumentos, soltam fogos, estendem bandeiras, assistem e incentivam os treinos. Alguns torcedores organizados (geralmente os líderes) às vezes nem assistem aos jogos. Ficam de costas para o campo orientando e incentivando a massa torcedora (Foto 4). Eles se revezam na função, mas ficam grande parte do jogo assim.



Foto 4 - Torcedor comandando os gestos da torcida.
(Fonte: www.serponte.com.br)

São seus instrumentos e seus cantos que ditam o ritmo dos estádios. Um canto “puxado” por um torcedor independente dificilmente tem continuidade, pára no seu próprio “compositor”. Já os cantos das torcidas organizadas também são cantados por outros torcedores.

Para os torcedores independentes, os organizados são muito violentos, e acham que quanto mais violentos, mais poderosos serão. São relacionados a gangues e crimes, fazendo com que os torcedores independentes sintam medo deles. Esta é uma visão imposta principalmente pela mídia, que atribui aos torcedores organizados a responsabilidade pelo esvaziamento dos estádios. Os torcedores independentes não se acham menos fanáticos que os organizados e dizem que esses são mais assíduos porque ganham dinheiro e entradas para os jogos de alguns diretores dos clubes.

Existe um certo maniqueísmo em relação às torcidas organizadas, com uma valorização entre aquilo que ela oferece de bom (cantos, instrumentos, coreografias etc.) e uma recriminação do seu lado ruim (violência) por parte daqueles que não fazem parte destas organizações. No primeiro acontecimento envolvendo torcidas organizadas, a imprensa logo os coloca na berlinda, julgando e recriminando-as. Mas numa chamada de televisão ou numa foto em revista relacionada ao futebol, a imagem

que se tem é de uma coreografia de torcida organizada. Nesta visão maniqueísta, somente a “parte boa” das torcidas organizadas é importante para o espetáculo, mas não há como fazer esta separação. Seus comportamentos são estruturados através da dinâmica cultural em que vivem, e a violência está presente em seu cotidiano, não pode ser negada. O que ocorre é que no estádio, diferentemente do cotidiano, há um certo nível de violência que é aceito e satisfatório e que veremos adiante.

As torcidas organizadas de um mesmo time também manifestam certa rivalidade numa disputa simbólica da mais importante à equipe. Ao cantarem suas músicas, os torcedores de uma torcida organizada sempre “dão uma olhadinha” para a outra torcida organizada, como se quisessem dizer: “estamos aqui”; “estamos presentes”.

Os torcedores organizados atribuem qualidades pejorativas à outra torcida organizada do próprio time. Os outros é que são os violentos, os brigões, os malfeitores. A sua torcida organizada tem sempre a melhor música, as melhores coreografias, melhor assiduidade e devoção. O único momento de união com as outras torcidas é na ocorrência de um gol, ao cantarem e tocarem o hino e no “escrachamento” das torcidas organizadas adversárias.

Outra forma de rivalidade existente entre torcedores de um mesmo time é entre os torcedores que se sentam na arquibancada e os torcedores das cobertas. Para os primeiros a parte coberta é o local de encontro dos “corneteiros”. Os torcedores baseiam seus direitos nos deveres que cumprem em função do clube. Se incentivarem, poderão cobrar. Porém, eles preferem os incentivos às críticas ou cobranças por falhas ou erros dos jogadores. Por isso abominam os “corneteiros”, torcedores que só cobram. Dizem que não são torcedores de verdade e só vão aos estádios porque não têm nada melhor a fazer. Os corneteiros usufruem os seus direitos antes de realizar os deveres.

Já os que ficam nas cobertas acham que na arquibancada só existem vândalos e encenqueiros. Não há manifestação desta rivalidade. O que se percebe é um certo preconceito, na maioria das vezes, social. Segundo os torcedores da arquibancada, quem senta nas cobertas é a elite. Muitos não pagam ingresso, por conhecerem pessoas influentes na diretoria dos times. Justo eles que têm mais condição. Isto revolta os torcedores da arquibancada que, além de pagar (caro, na opinião deles), ainda ficam expostos ao sol e à chuva. Porém, esses sacrifícios os fazem achar que têm mais direitos que aqueles, que são mais torcedores e ajudam mais o time.

5) O TORCEDOR E SEUS RIVAIS

A rivalidade é calcada basicamente na diferença. Quando se escolhe um time, reconhece-se e aceita-se seu patrimônio além de negar tudo aquilo que é diferente. São tribos diferentes que mantêm suas crenças e tradições também diferentes. Uma “olha” para as outras com indiferença e superioridade. Acredita que seu time, sua tribo, é melhor que as outras em todos os aspectos. Um desenho ilustra bem este fato (Fig. 4).



Fig. 4 - Os torcedores do Guarani acham que são uma “raça” superior aos pontepretanos, como se fossem o ápice da evolução humana. É importante lembrar que o macaco é o mascote da Ponte Preta e o bugre o do Guarani. Desenho cedido por um torcedor bugrino.

Em Campinas esta relação é bastante potencializada, pois a população se divide em dois lados quando o assunto é futebol. De um, temos os alvinegros da Associação Atlética Ponte Preta e do outro os alviverdes do Guarani Futebol Clube. Esta característica é bem interessante. São apenas duas opções para se torcer. Duas tribos, dois times importantes no cenário futebolístico nacional, assim como o é em Salvador-BA (Bahia e Vitória), em Porto Alegre-RS (Grêmio e Internacional) e, de certo modo, em Belo Horizonte-MG (Atlético e Cruzeiro, porém também há o América, mas a maioria da população se divide entre os dois primeiros). Mesmo assim, alguns torcedores ainda preferem optar pelos times da capital, ou até mesmo, para equipes de outros estados. Muitas pessoas que moram em Campinas vêm de outras cidades ou estados devido ao grande contingente de estudantes que buscam as faculdades da cidade. Até mesmo alguns campineiros fazem a escolha por outros times, deixando Ponte Preta ou Guarani como seu segundo time. Mas a maioria dos campineiros se divide entre os dois na escolha do clube do coração.

Torcer por um dos dois times da cidade é sempre querer vê-lo vitorioso, mas, mais do que isto, é também torcer pela derrota do rival. *“As ameaças de times adversários despertam o nosso senso de que somos necessários, o que por sua vez nos dá a garantia de que pertencemos”* (Lever, 1983, p.183). Os torcedores, além de acompanhar seu time, também estão atentos à campanha do “outro time”, como dizem, em recusa de pronunciar o nome do rival. A derrota dele é comparada a uma vitória do seu time. Já a vitória do rival é comparada à derrota do seu time, mas não influencia muito se o time do coração também tiver vencido.

O gol de uma terceira equipe contra o rival em jogos simultâneos é bastante festejado. Ao ficarem sabendo de sua ocorrência, seja pelo placar eletrônico ou pelo

rádio de outro torcedor, os torcedores cantam músicas e ironizam os rivais. Pela importância do gol contra o rival, em jogos paralelos, na motivação de sua torcida, os dirigentes do Guarani, mais que rapidamente, mostram a notícia no placar eletrônico. Quando a Ponte Preta faz um gol, eles omitem a informação. Nem o empate do adversário da Ponte Preta é informado. Somente a derrota parcial do rival. É impressionante como isto motiva os torcedores bugrinos.

No Moisés Lucarelli, a rivalidade se sobrepõe a este artefato. O nome Guarani não é pronunciado pelos altos falantes do estádio pontepretano. Como não há o placar eletrônico, os pontepretanos ficam sabendo do resultado do jogo do Guarani por intermédio de outros torcedores que escutam em seus rádios. Este anúncio é importante porque os torcedores dizem que o gol sofrido pelo rival em outro jogo é tão motivante quanto um gol feito pelo seu time.

O rival é a outra metade da laranja, o outro lado da moeda. Ao mesmo tempo em que é negado, também é afirmado por lembranças ou declarações de desinteresse que, na verdade, refletem o mais puro interesse, pois é sempre comparado ao time do torcedor. Nos jogos, o rival é tão lembrado quanto o próprio time, através de músicas e frases rimadas¹¹, mesmo quando o jogo é contra uma terceira equipe. Nas entrevistas realizadas durante a pesquisa, a pergunta que os entrevistados dedicaram maior tempo na elaboração das respostas foi, exatamente, a que pedia que eles dissessem o que o rival representava em suas vidas.

O placar dos estádios também é alvo de certa negação e, conseqüentemente, da rivalidade. No Majestoso, o placar é manual e os nomes dos adversários são fixados

¹¹ Frases criadas pelos torcedores com o intuito de agredir simbolicamente os adversários. Ex: “Não é mole não, mais de cem anos cem gritar é campeão.”, “Ão, ão, ão, segunda divisão.”

por intermédio de placas. O nome do Guarani não é colocado por extenso. São colocadas somente as iniciais G.F.C. (Guarani Futebol Clube). Além desta disposição do nome, há outra singularidade. Os gols bugrinos não são assinalados. Além de não pronunciarem o nome do Guarani no estádio, os pontepretanos não reconhecem seus gols. Tentam de qualquer forma negar a presença do arqui-rival. Sua presença incomoda os pontepretanos, que acham que os bugrinos não são dignos de entrar no seu templo sagrado. Mas esta negação tentada pelos dirigentes pontepretanos é impossível de se concretizar, pois o Guarani está presente diante dos olhos de todos. Este comportamento é uma forma de amenizar uma possível derrota, sempre humilhante, para o grande rival em sua própria casa. Pelo menos simbolicamente, ele não vence, nem sequer faz um gol.

No caso do Guarani, o medo da derrota para o rival em sua casa é somado ao medo do vandalismo dos torcedores rivais. O Brinco de Ouro possui um placar eletrônico que fica acima do local destinado à torcida adversária. Nos Derbys ele é desligado e protegido por uma estrutura metálica. Para os bugrinos, os pontepretanos têm inveja de seu patrimônio e fazem de tudo para destruí-lo, fato que já ocorreu segundo os torcedores.

Negações e afirmações à parte, a existência do rival é o combustível para as vitórias, pois sempre há a necessidade de estar na frente deles e para isso é preciso ganhar. O rival não pode deixar de existir. No dizer de um torcedor:

É que nem homem e mulher, se acabar a mulher o que vai ser do homem? Tem que ter essa rivalidade, senão a Ponte vai viver por ela só. Agora, na maioria das vezes, ela vive em função do outro time, pra buscar, se ele tá na frente, pra buscar e tentar passar. Agora, se não tiver esse time, não tiver nada, aí fica ruim, acaba né, acaba a paixão, vai diminuindo. Vai esvaziar o estádio, esvaziar, esvaziar até acabar o time também, com certeza! (Depoimento de um torcedor pontepretano; Morato, 2002, p.40).

O rival é o alicerce e a garantia de existência de um time. Ele precisa existir para que exista o confronto e, assim, a motivação necessária ao desenvolvimento e crescimento da equipe.

Diante de todo o contexto, pontepretanos e bugrinos criam peculiares formas de relação. Ambos evitam pronunciar o nome do outro time (vide depoimento acima) e todo o patrimônio da outra equipe é inferiorizado e desqualificado. Sejam a sede, a história, a camisa, a bandeira, as cores, o hino, o distintivo, o mascote, o estádio ou os títulos conquistados.

A recusa em pronunciar o nome do rival acarreta na criação de apelidos para eles. Estes apelidos contribuem e alimentam a rivalidade por serem invocados, quase sempre de forma pejorativa, para identificação do rival. Nas entrevistas, dificilmente os torcedores pronunciaram o nome do rival, preferiram os apelidos. Nos estádios também reina a “apelidação”.

Os pontepretanos são chamados de *macacos* pelos bugrinos. Segundo os torcedores, isto se originou pelo fato dos pontepretanos serem de uma classe social mais baixa (o estereótipo) e, conseqüentemente, como em nossa sociedade o preconceito social sempre vem acompanhado do preconceito racial, muitos serem negros. Mas a provocação dos bugrinos foi incorporada pela torcida da Ponte e pelo próprio clube, que fez do macaco o seu mascote. Fato semelhante aconteceu com a torcida do Palmeiras, em São Paulo, que tinha um periquito como mascote, mas que, diante das provocações dos rivais que insistiam em lhe chamar de “porcos”, aceitou a gozação e tomou essa expressão como mais um de seus apelidos.

Já os bugrinos são tidos como afeminados e, por isso, chamados de *galinhas* pelos rivais, fato que não os deixam contentes. O macaco é um animal grande, forte e

inteligente, enquanto a galinha é bastante frágil e possui inteligência ínfima. Como disse um dos torcedores: *“Galinha não é um bicho legal para você ter de mascote”* (Morato, 2002, p.33), ainda mais num universo machista como é o futebol. Além de não possuir qualidades interessantes como os mascotes que são escolhidos pelos clubes e também pelas torcidas organizadas, a galinha nos remete a características femininas. Seu masculino é o galo. “Galinhada” são muitas galinhas, enquanto “macacada” não diferencia o gênero, podendo ser um bando misto (machos e fêmeas) de macacos. É um tipo de jogo do contrário. Eles não podem se equivaler em nada, a rivalidade não permite a equivalência, permite somente a oposição e o estereotipo contribui ainda mais para isto.

6) AS MANIFESTAÇÕES RIVALIZANTES

A tríade fundamental (patrimônio, jogadores e torcedores) é a base de um time de futebol. Como vimos anteriormente, são três pilares básicos e interdependentes. Os torcedores acreditam nisso. Influenciam os jogadores e conseqüentemente o patrimônio do seu time. Sabem também, que do outro lado, o outro time, possui a mesma “estrutura” (Fig 5).



Fig. 5 – Os times e a rivalidade

O empenho é pela vitória do seu time. Os torcedores acreditam que, para vencer, não basta somente incentivar seu time, também é preciso desestruturar a tríade fundamental adversária e sua intervenção se faz importante para deixá-los mais distantes da vitória. Eles precisam ser mais eficientes que os torcedores adversários para terem uma maior satisfação com a vitória de seu time

Os cantos são uma forma de intervir na tríade rival. São as torcidas organizadas que mais se utilizam desta forma de manifestação nos estádios. Elas travam um verdadeiro diálogo combativo, onde umas respondem às provocações das outras por intermédio desses cantos. Portanto, não há somente cantos de incentivo ao time. Além de incentivar, eles também intimidam os árbitros, jogadores e torcedores adversários, agredem o patrimônio rival, protestam diante de insatisfações e produzem a autoafirmação das torcidas organizadas.

A exposição de faixas, bandeiras e camisas (Toledo, 1996) e a criação de apelidos (Morato, 2002) são outras formas de agredir os adversários. Visualizar objetos de um patrimônio que precisa ser negado é extremamente provocativo e a identificação pejorativa por intermédio da “apelidação” é a maior ferramenta de inferiorização deste patrimônio.

As torcidas organizadas são responsabilizadas pela crescente rivalidade nas últimas décadas e seus cantos incitam esta rivalidade e, até mesmo, certa violência (Toledo, 1996). Este tipo de violência, ou seja, aquela que é manifestada com o intuito de demonstração de sentimentos por meio de gestos, canções e hinos é denominada de violência simbólica. É emocionalmente satisfatória e agradável e, diferentemente do cotidiano, “aceita” nos estádios. Os atos intencionais, premeditados ou não, de gerar confrontos violentos são denominados de violência real (Reis, 1998).

Com a bola rolando, a tensão é potencializada. O desempenho do time influencia a motivação da torcida tanto quanto a torcida influencia o time. O dinamismo é muito grande e o uso da violência simbólica entre torcedores adversários é corriqueiro. “Palavrões” são “cuspidos” a toda hora pela grande maioria. Não há distinção quanto ao gênero, idade ou raça das pessoas que os pronunciam e a presença de mulheres não ameniza a utilização desta manifestação. Aliás, presenciei muitas mulheres utilizando-se dos “palavrões”. Os mais utilizados são *“vai tomar no cu”* e *“filho da puta”*. A maioria dos palavrões sugere a feminilização do rival. No ambiente machista do futebol, a melhor maneira de agredir os adversários pelos “palavrões” é duvidando de sua masculinidade ou agredindo a principal figura feminina da família. Segue alguns exemplos: *“Pontepretano filha da puta, chupa rola e dá o cu...”*, *“Vai toma no cu macaco”*, *“Rema, rema, rema, remador, pau no cu do tricolor¹², tricolor só tem pernetta, pau no cu da Ponte Preta...”* (torcida do Guarani); *“Sou Ponte Preta ela bota pra fuder...”*, *“A fúriacu¹³ é diferente, só tem viado, só tem cuzão”* (torcida da Ponte Preta); (Morato,2002, p.48). Diante destas manifestações, os torcedores agredidos sempre retrucam, também por intermédio de um destes tipos de manifestação.

Uma das formas mais brutas de manifestação de violência simbólica que as torcidas organizadas costumam usar é a queima da camisa rival diante de seus torcedores (Foto 5). Destruir o maior símbolo do clube (sua camisa) é como chamar para briga. Isto parece ser uma tradição em Derbys. As torcidas organizadas dão

¹² O Tricolor aqui é o São Paulo, mas ele só é utilizado nesta música para rimar com a palavra professor da canção original.

¹³ Referência pejorativa à Torcida Organizada Fúria Independente do Guarani.

grande importância a este ato, guardando-o através de fotos e exibindo como troféu em seus sites.



Foto 5 - A maior das agressões simbólicas ao rival. (Fonte: sites das torcidas organizadas)

A tensão e o envolvimento dos torcedores é diretamente proporcional à importância do jogo e/ou à rivalidade existente entre as equipes. Principalmente nos Derbys, tudo é exacerbado. Neste confronto os torcedores sonham com o jogo e passam a semana inteira tensos e ansiosos. Chegam ao estádio no limiar de sua tensão.

O limiar de tolerância à diferença é corriqueiramente ultrapassado nos Derbys, devido à elevada tensão. Quando a intolerância à diferença é extrapolada, o que era simbólico (cânticos e gestos) passa a ser real (socos e pontapés). Durante o jogo, raramente há manifestações de violência real entre torcedores rivais. É raro se “toparem” dentro dos estádios. O mais corriqueiro, quando acontece, é se enfrentarem fora, antes ou depois da partida, principalmente no trajeto que percorrem, como o confronto ocorrido na Rodovia dos Bandeirantes no dia 21/01/2002 entre pontepretanos e bugrinos. As torcidas voltavam de São Paulo onde foram acompanhar o Derbinho (Derby na Taça São Paulo de Juniores) e a batalha deixou um bugrino baleado na coxa direita. A rivalidade é levada ao extremo em alguns momentos como este. O torcedor

rival não é apenas diferente, é um inimigo. Eles não toleram sua diferença e fazem da violência real a forma adequada de manifestar seu ódio, preconceito e intolerância.

Durante os jogos, o mais corriqueiro, em se tratando de violência real, são as brigas entre diferentes torcedores do mesmo time, principalmente nos jogos mais tensos. Eles se envergonham disso e dizem que estas brigas “internas” só ajudam os adversários. Segundo eles, só acontecem estas brigas quando o time está perdendo ou empatando, e isto foi o que realmente aconteceu durante a pesquisa.

Com a tensão e a ansiedade aumentadas, a derrota ou o empate é mais um dos ingredientes que se mistura às provocações adversárias na confecção da violência real. A derrota é humilhante e triste (Vogel, 1982). Alguns torcedores encontram nos socos e pontapés uma alternativa para “fugir” desta humilhação. Buscam nas brigas a autoafirmação necessária ao consolo da derrota.

7) TROCANDO PASSES

Os estudiosos e curiosos do futebol precisam olhar o fenômeno e enxergar além dele. Ele é muito mais que um simples esporte proporcionando aptidão física a seus praticantes e lazer aos observadores. O futebol é um legado sócio-cultural brasileiro. Entender um pouco mais o ser humano que torce é entender o homem nacional e este texto tentou “mexer com a essência” do torcedor. É claro, e temos consciência disto, que não desvendamos aqui todos os segredos dos torcedores, mas a questão da rivalidade ficou um pouco mais clara.

Como a vitória e a superação do adversário é buscada a qualquer custo, já que a derrota é difícil de ser digerida, o torcedor sente-se no dever de intervir pelo seu time,

incentivando seus jogadores, defendendo seu patrimônio e desqualificando o rival pelo que podemos chamar de **manifestações rivalizantes**: criação de apelidos, exposição de camisas e bandeiras, expressão de músicas, cantos, hinos e também a utilização da violência. Assim, a rivalidade não pode ser concebida como sinônimo de violência, embora ambas estejam intimamente ligadas. A rivalidade é permanente e a violência é uma forma de manifestação da rivalidade, que é corriqueira na forma simbólica e esporádica na forma real.

A existência de um rival é a complementação e afirmação da existência de um time. Com isso, a rivalidade é peça chave para o desenvolvimento e superação de um time. Porém, ela é fundamentalmente baseada na diferença e a violência apresenta-se como intolerância a esta diferença que, quando extrapolada, é modificada da forma simbólica para a real.

A rivalidade também existe entre torcedores da mesma equipe, na forma de competição entre eles, visando demonstrar quem tem maiores influências sobre a performance do time, tornando-se assim, mais importante a ele.

É importante ressaltar que não se deve generalizar as conclusões deste trabalho à qualquer outra rivalidade manifestada entre torcedores das equipes de futebol do Brasil. Afinal de contas, ele focalizou um caso específico: torcedores das equipes campineiras. Talvez possam existir várias coincidências em relação a outras equipes rivais do futebol brasileiro. Mas, partir das coincidências para uma generalização é um salto muito grande e um erro que não deve ser cometido. O que pode ser feito é utilizar este trabalho como auxiliar de futuras análises a outras rivalidades entre torcedores.

Uma das grandes importâncias que delegamos a este trabalho, e que fomos nos dando conta disto somente nas fases finais de sua elaboração, é a de fazer com que os

torcedores reflitam sobre seus comportamentos, a partir do momento em que isto possa ajudá-los a compreender e tolerar as diferenças observadas na forma de torcer do outro, do rival. Assim, quem sabe um dia, a violência real vai ser tão diminuta que sua ocorrência será digna de vergonha, e não mais de auto-afirmação das facções envolvidas. Espero não estar sonhando muito alto, pois são de sonhos que se constroem projetos e, de projetos que se constroem a vida!

8) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BYINGTON, C. A riqueza simbólica do futebol. *Psicologia Atual* 5(25):20-32, 1982.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo, Ática, 1994.

DAMATTA, R. et alii. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

DAOLIO, J. *Cultura Educação Física e Futebol*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

_____. As Contradições do Futebol Brasileiro. In: CARRANO, P.C.R. (org). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

GRUPO DE INFORMAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA DO GUARANI). *Brinco de Ouro: Orgulho de Campinas*. Campinas, 1998

LEVER, J. *A Loucura do Futebol*. Rio de Janeiro, Record, 1983.

MORATO, M. P. *A Rivalidade entre Torcidas de Futebol em Campinas, SP*. Campinas, 2002. Iniciação Científica – SAE/UNICAMP, Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2002.

REIS, H. H. B. *Futebol e sociedade: As Manifestações da torcida*. Campinas, 1998. Dissertação (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1998.

SANTOS NETO, J. M. *O Início de Uma Paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000.

SILVA, S. R. *Tua Imensa Torcida é Bem Feliz...* da relação do torcedor com o clube. Campinas, 1998. Dissertação (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

TOLEDO, L. H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, Autores Associados, 1996.

VOGEL, A. O Momento Feliz: Reflexões Sobre o Futebol e o Ethos Nacional. In: DAMATTA, R. et alii. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

ZAGO, V. L. O. *Dérbi Campineiro*. Campinas, 1997. Monografia – LABJOR (Laboratório de Jornalismo) e Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1997